

6

Considerações finais

Como vimos no decorrer do trabalho a Terapia de Vida Passada tem se propagado atualmente na cultura brasileira, associada com diversas outras terapias denominadas alternativas. Por causa desta associação, em muitos casos é rotulada e generalizada. Diversos tipos de práticas sem fundamentação científica consistente, esotéricas ou de cunhos espiritualistas, sejam elas terapêuticas ou não, tendem a gerar desconfiança, principalmente naqueles que compartilham de uma visão racionalista e cientificista do mundo. É comum, por parte destes, relegar essas novas práticas a um segundo plano, mais supérfluo, ou associá-las a charlatanismo ou modismo. Essas duas características – charlatanismo e modismo – certamente existem em diversas práticas terapêuticas, tanto nas mais tradicionais como nas alternativas, e a TVP não foge a esta regra. No entanto, uma das razões que mais motivaram a feitura desta dissertação foi a constatação (2002) de que havia diversos profissionais, tanto na área da psicologia como da psiquiatria, que estavam se dedicando, com propósitos sérios e com fundamentação metodológica, ao desenvolvimento e prática da TVP.

No momento que profissionais atendem clinicamente usando a técnica da TVP, eles estão indo de encontro à posição de seus conselhos profissionais, que, no Brasil, condenam esta prática. Contudo, mesmo com a proibição, esta prática tem proliferado de forma rápida. Existem hoje em dia dezenas de livros que tratam deste tema no mercado brasileiro e diversas instituições e associações foram criadas para desenvolver e profissionalizar aqueles que aspiram a utilizar esta metodologia de trabalho. Congressos que promovem a TVP são feitos regularmente em diversos estados do país, com especial foco no eixo Rio de Janeiro – São Paulo. A mídia, de uma maneira geral, está dando uma atenção significativa a este tema, tanto em entrevistas, artigos e anúncios, como em novelas e filmes de sucesso. E, certamente, se isto tudo tem ocorrido, é porque este tema tem tido uma boa demanda por parte do público que se torna, em última instância, potencial clientela de TVP.

Mesmo com toda esta popularidade, é importante ressaltar que a reticência por parte do meio acadêmico tradicional e conseqüentemente por parte dos conselhos profissionais, quanto a TVP, não é infundada. A TVP parece sofrer de fortes influências espiritualistas. Uma delas – intrínseca ao próprio nome – é um pressuposto e um pilar inegável: a crença na reencarnação. Por mais que alguns estudiosos dedicassem longa pesquisa para tentar validar esta crença, levantando diversos casos curiosos, nenhuma prova incontestável – nos moldes atuais do paradigma científico – foi apresentada até agora, que pudesse certificar que a hipótese da reencarnação não é apenas uma crença. Como não há esta prova consistente, o meio científico prefere considerar *a priori* que ela é irreal e imaginária.

Entrar nesta contenda não foi o objetivo deste trabalho por um motivo bem simples: sendo ele de cunho psicológico, a pesquisa estuda o fenômeno a partir da criação psíquica, que afeta e influencia o indivíduo e a sociedade que o rodeia. Como vimos no conceito do imaginário psíquico e sócio-histórico de Castoriadis.

Sendo assim, a dúvida sobre se são verídicos os conceitos de reencarnação ou outra crença qualquer, ou se são “ilusões” da nossa psique, beira quase à irrelevância para o presente trabalho. No nosso enfoque, é na maneira do sujeito ver o mundo, ou seja, no total de suas crenças, que ele cria sua perspectiva da realidade. Logo, se a crença envolvida na terapia condiz com a realidade do sujeito, o potencial de funcionalidade aumenta substancialmente. E foi o que gerou a pergunta: será que por ter crenças compartilhadas, os clientes e os terapeutas que praticam a TVP poderiam fazer esta terapia, de fato, funcionar?

Como vimos, através das aplicações metodológicas da TVP, o cliente é levado a um estado mental, onde ele se abre para vivenciar, dentro da sua mente, praticamente qualquer tipo de experiência. A tendência, neste caso, leva o cliente a entrar em contato com alguma experiência que para ele tenha algum significado. O simbolismo cresce na medida em que a liberdade de escolha encaminha o sujeito para aquilo que é mais intenso, mas que em geral, está oculto. Mesmo a história vivida sendo fantasiosa ou ilógica, o fato de estar repleta de tanto simbolismo para aquele indivíduo, a leva a ter um potencial deveras mobilizador.

Em uma regressão de TVP, as possibilidades são quase infinitas. A pessoa pode vivenciar ter nascido homem, mulher, rico, pobre, e até mesmo primata ou extraterrestre. Tudo se torna possível. Ao associar esta vivência com a dor e o

sofrimento, uma série de experiências podem ser vivenciadas, desde os traumas físicos e psicológicos mais hediondos, até os mais intrincados conflitos sociais.

Aparentemente, o potencial destas histórias independe de seu caráter lógico ou racional. Nota-se que de dentro do psiquismo humano brota não só o lógico, mas também, o absurdo. Castoriadis realça esta questão:

Pois, como vocês sabem, observando vocês mesmos e aqueles que estão em torno de vocês, não há ser mais *louco* que o homem. Se considerarmos as profundezas de seu psiquismo, ou mesmo as suas atividades diurnas, corriqueiras, observaremos que o ser humano não é racional (1992, p. 90, grifo do autor).

Há de se considerar que o cabedal de crenças envolvidas na TVP, por mais estapafúrdias que sejam, são aceitas por uma parte significativa da população. Mesmo porque, como vimos, quando se trata de terapia de vida passada, não é só a crença na reencarnação que é aceita por esta prática. Quase qualquer tipo de crença – a não ser a monista materialista – pode ser usada durante a regressão de memória a uma “vida passada”. Isto resulta no fato, que na TVP, o cliente tem oportunidade de processar seu conteúdo inconsciente usando seu próprio referencial simbólico. Tanto pode ser de religiões e tradições espiritualistas, quanto de uma mitologia própria do sujeito que a cria no momento da regressão, para simbolizar suas aflições.

Como na TVP é o cliente que predominantemente escolhe como simbolizar sua problemática, as chances destas escolhas serem significativas e mobilizadoras se tornam maiores. É dentro do mito do próprio cliente que o processo terapêutico se dá. Na TVP, o terapeuta procura estimular a cura primeiramente no nível simbólico, e a expectativa é que esta intervenção afete conseqüentemente o nível mundano do cliente. É a eficácia simbólica da qual trata Lévi-Strauss.

É a eficácia simbólica que garante a harmonia do paralelismo entre mito e operações. E mito e operações formam um par, onde se encontra sempre a dualidade do doente e do médico. Na cura da esquizofrenia, o médico executa as operações e o doente produz o mito; na cura xamanística, o médico fornece o mito e o doente executa as operações (1973, p. 232).

Assim como Lévi-Strauss se refere ao processo da cura do esquizofrênico, de maneira similar ocorre na TVP. O terapeuta executa operações como delimitar o problema, induzir a regressão, estimular o relato das imagens do cliente e incitar a catarse. Mas é, em grande parte, dentro do mito do próprio cliente e que esta jornada terapêutica se dará. Neste caso, as imagens relatadas não são consideradas esquizofrênicas, pois a terapia aceita as mais fantásticas histórias como plausíveis. Para o cliente, a TVP permite validar seu referencial simbólico, transformando-o em realidade, permitindo assim com que ele sinta que compreende melhor a origem de suas angústias.

Certamente este processo não é de exclusividade da TVP. Ela é apenas mais um exemplo de que crenças compartilhadas entre terapeutas e clientes, sendo estas científicas ou esotéricas, podem, em última instância, fazer com que o processo terapêutico seja efetivado. Mas este é um tema complexo que certamente só foi pincelado no presente trabalho e que merece maiores aprofundamentos.

Dado o panorama geral apresentado neste trabalho, podemos perceber que a TVP tem sido aplicada em larga escala, não só por charlatões ou pessoas incultas, mas também por profissionais que verdadeiramente acreditam nesta técnica e nas crenças envolvidas na mesma. Eles têm feito um trabalho sério e se esforçado no desenvolvimento da metodologia. Fica difícil prever, no entanto, que futuro terá esta modalidade terapêutica. Assim como diversas outras modalidades, ela certamente não deve ser usada de maneira indiscriminada, nem serve como panacéia para qualquer tipo de transtorno. Todavia, de fato ela aparenta ser funcional em determinados casos.

No momento, ainda é impossível saber se a TVP é apenas uma moda passageira, ou se ela continuará a ser aplicada e desenvolvida durante um longo período de tempo. É difícil que haja uma aceitação deste tipo de prática pelos conselhos legais em curto prazo, pois estes atuam sob o molde do atual paradigma científico, que não aceita bem as crenças espiritualistas envolvidas na TVP. Mas como vimos, mesmo assim a TVP continua em um movimento ascendente de estudo e aplicação.

Se a TVP irá prosperar ou desaparecer, só o futuro dirá. Todavia, atualmente é um fenômeno social emergente e atuante que, por isso, merece ser melhor pesquisado pelo meio acadêmico.